

Rio 30 de junho, 89
Cruz,

Acabo de receber
uns quatro números do
Tribuna que ha tanto tem
po não vinha arejar
o meu espirito acobardado
e como a extinguir -
se vencido na parmaci
ra brutal e desesperadora
desta vida em que me des
karto, e nisso fizeste muito
bem! vivo de teu affecto,
de tua incomparavel magni

ce archangelica de Illuminado.

Si entre as virtudes do teu espirito cabe um pouquinho de maldade que não faz mal, apenas servindo para a troca garbada e alada, podes dizer de mim que aqui estou agora

"Jovem Lilio abandonado!",
Tal é', reconheço, a minha deprecada situação. Não me valese o amor de uma mulher adorada que ainda me levanta do afundamento do ventos em que vivo,

para a contemplação
das estrellas, de todo o Azul
e certo eu não saberia
resistir ás lutas vans e
esteris da existencia que
arrasta na sombra e no
silencio, no ermo.

Enviei-te um romance
devotam^{te} registado. Recibeste?
Vem me dizeste - agaa vai!
Escreve-me. Empregarás melhor
o teu tempo, teu papel, tua
tinta, tua pena e o teu
talento em rabiscar para
meu uso uma ou duas
páginas do que em retru-
car ahí a uns gajos,

uns pobres diácos de bobos ou
babos que se atiram contra
você, tu e o Varzea. Perdoem
lhe. Você tem espirito e não
se deveu medir tão raro.

Acaba, pois, essa Folice.

Acautela-te: dei para fazer
versos. Não vai um pequeno
soneto. Põe-lhe um rótulo e
manda m'o em lettra de fôrma
pela Tribuna. Adeos.

Procura no desalinho desta
prosa a mais alta e correcta
expressão do muito que te quero
e estreita ao teu grande
cruceado o cruceado perdido,
longamente perdido do teu
Prometheu.